
**POVOANDO A TRANSITORIEDADE: REFLETINDO GEOGRAFIAS A PARTIR DE
RELATOS SOBRE O BUDISMO TIBETANO NO BRASIL**

**HOUSING IN THE TRANSITORITY: GEOGRAPHY REFLECTIONS ON REPORTS OF
TIBETAN BUDDHISM IN SOUTHERN BRAZIL**

**VIVIENDO EN LA TRANSITORIEDAD: REFLEXIÓN DE GEOGRAFÍAS DE LOS
INFORMES SOBRE EL BUDISMO TIBETANO EN BRASIL**

Juliano da Costa Machado Timmers¹ <https://orcid.org/0000-0003-1859-4567>

¹ Doutor em Geografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor da Prefeitura Municipal de São Leopoldo-RS. E-mail: timmersjuliano@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo fornecer subsídios para o desenvolvimento de uma análise geográfica sobre a dispersão do budismo tibetano da tradição Nyingma que chega ao sul do Brasil nos anos 1990 na cidade gaúcha de Três Coroas (RS). Metodologicamente, o texto considera estudos de Geografia das Religiões de Zeny Rosendahl (1995) e em algumas idéias de Gomes (2012) e Haesbaert (2007) relações com o território. Quanto ao budismo, encontramos fontes nos escritos de Chagdud Tulku Rinpoche (2015) e em uma entrevista com o artista Alan Capetilla que conviveu com o mestre no Templo. Redes de relação global pautadas pela cultura religiosa e aspectos intrínsecos ao ideário e a prática religiosa budista têm influência na geografia que se materializa no templo Khadro Ling da cidade de Três Coroas (RS).

Palavras-chave: Budismo. Geografia. Religião. Território. Migração.

ABSTRACT

This paper aims to bring information to the development of a geographic analysis on the dispersion of Tibetan Buddhism from the Nyingma tradition which had been installed in southern Brazil in the 1990s in the city of Três Coroas (RS). Methodologically, the paper considers the Geography of Religions of Zeny Rosendahl (1995), and also ideas by Gomes (2012) and Haesbaert (2007) related to the territory. About Buddhism, the paper has as source the writings of Chagdud Tulku Rinpoche (2015) and an interview with the artist Alan Capetilla who lived with the master in the Temple. Global relationship networks guided by religious culture and intrinsic aspects of Buddhist religious ideas and practices have significant influence on the geography which materializes at the Khadro Ling temple in the city of Três Coroas (RS).

Keywords: Buddhism. Geography. Religion. Territory. Migration.



RESUMEN

El texto intenta fornecer subsidios para el desarrollo de un análisis geográfico de la dispersión del budismo tibetano de la tradición Nyingma que se instaló en el sur de Brasil desde la década de 1990 en la ciudad de Três Coroas (RS). Como metodología, se consideraron la geografía de las religiones de Zeny Rosendahl (1995) y las ideas de Gomes (2012) y Haesbaert (2007) para el territorio. Para el budismo, las fuentes fueron los escritos de Chagdud Tulku Rinpoche (2015) y una entrevista con el artista Alan Capetilla, quien vivía con el maestro en el templo. Las redes globales de relaciones basadas en la cultura religiosa y los aspectos intrínsecos a las ideas y prácticas religiosas budistas influyen en la geografía que se materializa en el templo Khadro Ling, en la ciudad de Três Coroas (RS).

Palabras clave: Budismo. Geografía. Religión. Territorio. Migración.

INTRODUÇÃO

A associação entre Geografia e Religião representa um componente humano ancestral. Os espaços sagrados são marcados por aglomerações humanas que atraem grupos específicos de migrantes. Esses se deslocam por vezes de regiões remotas para alcançar centros religiosos ou locais de peregrinação. A transumância, a diáspora, a mobilidade humana, portanto, caracteriza fundamentalmente esse tipo de espacialidade.

Considerando essas dinâmicas humanas na Geografia que o presente texto se desenvolve. Para tanto buscamos narrativas que possam incrementar as fontes para que possamos melhor compreender como um segmento de uma importante religião de origem asiática, o Budismo, se fixa em um ponto do território brasileiro, tendo como ponto de partida o planalto tibetano. O artigo visa apresentar e relacionar informações que ajudem a tornar mais objetivo o itinerário inscrito na rede de relações que trouxe o budismo tibetano ao Brasil. O encaminhamento dessas informações se dará a partir de relatos de algumas pessoas que protagonizaram o desenvolvimento espacial dessa religião no país. Efetivamente esse artigo se constitui a partir de um aporte teórico geográfico, dos textos de Chagdud Tulku Rinpoche, grande precursor do budismo tibetano no Brasil, bem como por minha relação de amizade com o artista gráfico Alan Capetilla - que viveu e colaborou com a construção do principal templo budista da tradição Nyingma em solo brasileiro - e que gentilmente nos concedeu uma entrevista para que possamos refletir um pouco sobre as relações de espacialidade associadas a essa linhagem budista.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE ESPACIALIDADES JUNTO À PERSPECTIVA RELIGIOSA BUDISTA

A tradição tibetana do budismo que se expande no Brasil a partir da cidade gaúcha de Três Coroas, se insere em um contexto histórico milenar, bem como em uma geografia que percorreu diversos caminhos, os quais nos permitem realizar ricas interpretações. São essas ponderações sobre o espaço geográfico, especialmente na sua vinculação com a religião budista que nos interessa apresentar aqui. A seguir descreveremos, portanto, os procedimentos permitem o delineamento de uma narrativa para a construção e consolidação do primeiro templo do budismo tibetano em nosso país, o que inclui uma pesquisa bibliográfica acerca do Budismo e de alguns conceitos e temas da Geografia, bem como a realização de uma entrevista.

O Budismo é uma religião asiática cuja referência histórico-geográfica original nos remete a cinco séculos antes de Cristo na Índia antiga. Mais especificamente o príncipe Sidarta Gautama do clã Shákya - que é o Buda histórico -, teria nascido no ano 563 a.C. nos jardins de Lumbini, área situada atualmente dentro do território do Nepal (Figura 1).

Figura 1: Lumbini, Nepal.



O local situado na região oeste do Nepal é considerado sagrado, sendo um importante espaço de peregrinação para os praticantes do budismo. Foto: Giora Dan. **Fonte:** UNESCO.

Não é objetivo desse texto aprofundar em detalhes os conceitos da prática religiosa budista ou os aspectos que diferenciam suas várias tradições. Para uma leitura de maior abrangência nesse sentido, indica-se o livro “O budismo e as outras: encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais” de Frank Usarski (2009). É difícil separar o desenvolvimento de um conjunto de práticas religiosas de aspectos sociais, políticos e, portanto, históricos que influenciam a expansão territorial dos ensinamentos de Buda nesse caso. De qualquer maneira entre os trabalhos acadêmicos em língua portuguesa temos em Diniz (2010) um bom artigo de caráter introdutório para os que buscam entender de forma concisa um pouco mais a respeito da expansão geográfica do budismo, considerando suas várias correntes. Estima-se que os budistas sejam quase 7% da população mundial (PEW Research Center, 2017).

No Brasil, segundo o Censo Demográfico 2010, mais de 240 mil pessoas se declararam praticantes desta religião (IBGE, 2012). Em nosso país o budismo passa a ganhar notoriedade em termos do número de praticantes com a imigração japonesa do início do século XX. A prática budista trazida por esses imigrantes liga-se muito à tradição *zen*, a qual difere do budismo tibetano em termos de origem geográfica e também em relação aos métodos religiosos. A inserção do budismo no Tibete remonta o período do rei Songtsen Gampo no século VII (d.C). Com ele os textos budistas são traduzidos do sânscrito para o tibetano. A expansão regional se dá com o rei Trisong Deutsen já na segunda metade do século VII. É a partir do seu reinado que importantes mestres indianos são atraídos para o Tibete, entre eles há destaque para Shantarakshita e o Guru Padmasambava.

Com tais mestres se desenvolvem práticas de raiz tântrica com grande adesão popular, considerando o modo mais pessoal² pelo qual os ensinamentos passam a ser apresentados (CHANDA-VAZ, 2015). A partir desses acontecimentos é que se delineia a primeira das escolas do budismo tibetano conhecida como Nyingma, que literalmente quer dizer “antigo”. É essa vertente budista que se expande até o importante centro do sul do Brasil que coloca-se em evidência nesse artigo.

A síntese histórico geográfica apresentada, longe de querer explicar em detalhes os incrementos intrínsecos à religião budista que se relacionam com a sua dispersão geográfica a partir de regiões da Índia, ao menos nos permite compreender minimamente a geografia associada ao Budismo. De acordo com Gil Filho (2004), entretanto, é importante que os

² O budismo tibetano que desenvolve-se sobretudo com Padmasambava reforça a importância do método professoral, no qual é vital o vínculo do praticante com o mestre, palavra cuja tradução para o tibetano significa “Lama” e para sânscrito, “Guru” (RINPOCHE, 2013).

geógrafos não reduzam o fenômeno do sagrado ao espaço geométrico. O sagrado segundo o autor pode ser pensado a partir de seus instrumentos perceptivos, sua exterioridade (espacial, inclusive), e sua lógica simbólica que igualmente se expressa no espaço cultural a partir de mobilizações dos religiosos inspirados por aspectos definidos do seu credo, de modo que tais abordagens encaminham leituras objetivas aos estudos de Geografia da Religião. Nesse sentido Rosendahl (1995), considera quatro eixos não excludentes para análise: (a) o credo na sua relação espaço temporal; (b) os centros de convergência e irradiação; (c) a religião, o território e a territorialidade e (d) as vivências, a percepção e os simbolismos espaciais.

O primeiro eixo é o que mais dialoga com o presente artigo na medida em que delineamos os elos que conformaram o sul do Brasil como um dos nós de uma rede globalizada do credo budista tibetano. Consequentemente o eixo seguinte é igualmente abordado, tendo como referência principal a dimensão do movimento demográfico com motivação religiosa. A peregrinação define uma regularidade geográfica que afirma espacialidades ou as amplia em um processo cuja dinâmica é singular.

Sobre os eixos temáticos que envolvem território e territorialidade consideramos importante analisá-los através de aspectos simbólicos, isto é, pelos valores subjetivos que compõem nossa experiência geográfica. Quanto a essa abordagem geográfica tomada por aspectos simbólicos, Yi-Fu Tuan é um autor que as valoriza, sobretudo, a partir de perspectivas locais. Seu pensamento é influenciado por elementos culturais que remontam suas origens asiáticas tais como o confucionismo e o budismo (PADUA, 2013). Nesse artigo optou-se por enfatizar a análise espacial a partir de conceituações sobre o território. Para desenvolver tal abordagem é fundamental definirmos conceitos como nos esclarece Haesbaert (2007). Esse autor destaca o duplo caráter do território, material e simbólico, o que nos dirige à noção generalizada de que o território é uma espacialidade mais ou menos limitada em que se exerce o poder de um grupo. Já territorialidade nos remete principalmente a espacialidades mais dinâmicas, transitórias (HAESBAERT, 2007), constituídas por processos de territorialização que genericamente se definem por ações cuja finalidade é estabelecer um território, seja este o de uma nação ou de outro grupo social menos homogêneo.

É importante considerarmos que para constituir qualquer territorialidade são forjadas estratégias espaciais mais ou menos objetivas. Gomes (2012), ponderando, sobretudo, as espacialidades urbanas, considera que o território pode ser abordado a partir de dois gêneros básicos de estratégias espaciais. A primeira delas define a lógica do “nomoespço” no qual o território é entendido pela sua noção mais convencional, isto é de espaço planejado, onde vigora um conjunto de normas constituídas de modo mais formal, cujo grande exemplo são os

territórios nacionais. No âmbito dos domínios nacionais, seus cidadãos, por meio de suas formas de Estado, estabelecem ordens constitucionais que definem o que é legal ou não em termos de práticas sociais dentro do território de cada país.

Essa estratégia formal, burocrática e planejada de conceber o território difere do “genoespaço” no qual a relação da espacialidade com o poder assume características que definem traços mais espontâneos de ocupação e uso de uma dada geografia. Essa lógica territorial é efetuada por grupos identitários com alguma homogeneidade e que por meio de processos culturais próprios estabelecem demarcações simbólicas no espaço geográfico. Pelas características dessa abordagem territorial é que se constituem os modos mais ancestrais de delimitar espacialmente comunidades, tribos ou grupos étnicos minoritários. Para esses grupos a construção de sua territorialidade se dá por meio da manifestação fluída, informal de suas identidades no uso que fazem do espaço - sendo que tais usos descrevem raízes simbólicas que determinam as suas relações com a natureza e com os sujeitos entre si.

Traduzindo a partir de um exemplo esses dois modos de contemplar o território e agregando a essa análise aspectos da religião, podemos exercitar leituras sobre as espacialidades do Brasil. Da perspectiva formal, ou do nomoespaço, nosso país se apresenta como juridicamente laico, isto é, onde o poder de Estado se constitui sem uma determinação religiosa definida, ainda que simbolicamente grupos cristãos busquem ampliar sua influência nos assuntos políticos do país, a exemplo da definição constitucional acerca do conceito de família³. Por outro lado, ao abordarmos o território pelo viés do genoespaço poderemos perceber melhor diversas geografias, entre elas as que são definidas por grupos religiosos mais isolados espacialmente e com menor número de praticantes. Como mencionamos anteriormente, a ascensão do budismo no Brasil se associa inicialmente ao fenômeno de práticas sociais específicas ligadas a imigração japonesa, sobretudo em áreas esparsas da região sudeste do estado de São Paulo. Sob essa leitura o budismo tem como marca do seu desenvolvimento espacial a particularidade de definir-se junto ao movimento populacional de grupos sociais específicos. Em um primeiro momento o elemento étnico é, portanto, marca das territorialidades construídas por esses grupos a exemplo do caso de parcela dos asiáticos que vieram para o Brasil.

³ Menosprezamos muitas vezes o valor das definições jurídicas em suas considerações simbólicas. A ideia de família definida na constituição nacional vigente representa um objeto de divergências no qual grupos políticos que se pautam por abordagens religiosas fundadas em interpretações bíblicas, visam definir a sua maneira o conceito de família inscrito na legislação nacional e com isso buscam barrar entendimentos familiares mais amplos (SILVA, 2019), os quais se agregam a busca pela efetiva garantia de direitos como é o caso das pessoas que estabeleceram união homo-afetiva.

É possível afirmar sob certo aspecto que há uma territorialidade budista no Brasil e que os elementos que a constituem se ligam a origem geográfica de parte de seus precursores. Rosendahl (1995), inclusive define o budismo como uma religião que se caracteriza geograficamente por agregar um componente étnico necessário. Já no que se refere ao desenho espacial formado pelo conjunto de suas territorialidades podemos identificar uma rede que liga espaços esparsos localizados, definindo uma regionalização em rede (HAESBAERT, 1996). Essa rede é materializada pelo fluxo principalmente de pessoas/praticantes identificados pelo budismo. Os limites dessa rede regional budista transcendem as fronteiras nacionais⁴, sendo que suas intersecções costumam ser preenchidas nos países ocidentais pelas territorialidades ligadas a outras tradições religiosas, a exemplo das diversas formas de territorialidade cristã. A abrangência espacial do cristianismo no caso brasileiro se caracteriza tanto pelo aspecto da colonização onde o cristianismo católico se traduziu como uma espécie de norma desde o início da formação do território, assim como pelo componente intrinsecamente religioso que caracteriza o cristianismo. Rosendahl (1995), define a cristandade como fundamentada no expansionismo de seu credo, o que não está determinado no budismo que como ponderamos anteriormente se difunde geograficamente de modo mais espontâneo e aleatório, dependendo da particularidade de certas migrações.

Finalmente no que se refere aos procedimentos metodológicos, além do referencial teórico da Geografia, dos textos encontrados em sítios oficiais e na bibliografia produzida por autoridades religiosas do budismo, se incorpora ao presente artigo partes de uma entrevista informal⁵ realizada com o artista gráfico Alan Capetilla. Ainda que hoje ele se encontre desligado de atividades formais no âmbito do principal templo no Brasil - o Khadro Ling -, Alan residiu e participou da construção dessa obra, sendo então um pupilo do mestre Chagdud Rinpoche de quem recebeu ensinamentos.

⁴ Atualmente há centros de prática em todas as macroregiões do Brasil, além daqueles encontrados em países do exterior como Uruguai, Chile e Itália (para a localização de todos os centros de prática do budismo tibetano da tradição Nyingma, acessar <<https://chagdud.com.br/centros-de-pratica/>>).

⁵ A entrevista informal de acordo com Gil (2008) se define como a mais recomendada para pesquisas de caráter exploratório e que podem fornecer informações aproximativas sobre o assunto estudado, no caso dados sobre a construção do templo budista tibetano em Três Coroas/RS. A entrevista com o artista Alan Capetilla pode ser assistida no seguinte endereço < <https://www.youtube.com/watch?v=bNdAics8MCY> >.

DO TIBETE À TRÊS COROAS: SENTIDOS DE UMA CONSTRUÇÃO ESPACIAL A PARTIR DE NARRATIVAS DE VIDA

Os brasileiros assim como alguns norte americanos que vieram até aqui compartilhar do otimismo do *Rinpoche* sobre o futuro dos ensinamentos do budismo no Brasil, ofereceram seu apoio sincero. Um esplendido *hla kang* - um tradicional templo tibetano - foi construído em Três Coroas no estado do Rio Grande do Sul. (Chagdud Khadro no prefácio do livro “Os Portões da Prática Budista”)

De acordo com o estudo de Rosendahl (1995), verificamos que o fluxo dos religiosos em direção aquilo que entendem como espaços sagrados, geo-grafa tais espacialidades religiosas, por meio de uma “fixação” simbólica de sua identidade sobre a superfície terrestre ao modo do que Gomes (2012) chama de “genoespaço”. Tais fluxos se dão por meio de redes que conectam pontos, no caso locais sagrados, constantemente reavivados pelo comoção dos praticantes que sustentam esse arranjo geográfico materialmente, mas principalmente por meio de seus valores, crenças e ações. Em um contexto religioso como o do budismo no Brasil em que os contrastes com o imaginário cristão são múltiplos - a começar pela noção de um Deus, ausente no credo budista -, é importante destacar personagens cuja biografia pode nos fornecer pistas qualitativamente significativas e ilustrativas sobre o que caracteriza o budismo e as formas de territorialização a este associada, em especial no que se refere ao budismo tibetano.

Tecer uma narrativa que faça justiça à singular trajetória que liga o Tibete a cidade de Três Coroas (RS) certamente extrapola os limites desse artigo uma vez que um verdadeiro rosário de histórias e pessoas de fato se associam a materialização do templo que foi erguido no Brasil austral. Como alternativa destacamos sinteticamente a biografia de dois ilustres personagens, um tibetano e um gaúcho.

A 12 de agosto de 1930 nasce no Tibete oriental aquele que veio a ser responsável pela atual expansão da prática da tradição budista Nyingma no Brasil, sua Eminência Chagdud Tulku Rinpoche. Sua história de vida por si só já forneceria fonte suficiente de conteúdos para explicar o avanço do budismo em solo brasileiro nos últimos vinte e cinco anos. Isso por que, após ser identificado enquanto era apenas um bebê como um tulku - isto é, alguém que direcionou seu nascimento para ajudar os seres -, e, a seguir passar a juventude refugiando-se

na Índia⁶ e no Nepal, Rinpoche finalmente migra para os EUA em 1979 onde instala-se para dar ensinamentos, estabelecendo a Fundação Chagdud Gonpa. Aí casa-se com Chagdud Khadro, hoje a diretora espiritual do Chagdud Gonpa Brasil.

É ela quem narra no prefácio do livro “Os portões da prática budista” as razões que fizeram o guru Rinpoche deixar os EUA e vir instalar-se no Brasil:

Em entrevistas para imprensa e em conversas particulares, *Rinpoche* era frequentemente indagado sobre o motivo de sua mudança para o Brasil. Ele dizia que havia respondido à espiritualidade natural e à afinidade aos ensinamentos budistas que encontrou entre as pessoas desse país. Para muitos alunos brasileiros promissores, seria difícil viajar para os Estados Unidos para receber ensinamentos e, por isso, *Rinpoche* fez o compromisso de estabelecer centros e treinar alunos aqui. Em 1995, mudou-se, deixando para trás muitos centros bem sucedidos e alunos bem treinados nos Estados Unidos. (KHADRO apud RINPOCHE, 2010).

O fator identitário possui peculiaridades dentro do credo budista. No âmbito do budismo tibetano as condições favoráveis para prática são muito importantes para que as pessoas se identifiquem com os ensinamentos, desenvolvam sabedoria e a partir daí reconfigurem seus vínculos em um sentido amplo. Nesse contexto o mestre Rinpoche, após fornecer importantes ensinamentos e consolidar centros nos EUA, muda-se para a América do Sul identificando-se com “a fé e a devoção sincera dos brasileiros” com os quais se relacionou até sua morte em 17 de novembro de 2002 no templo tibetano que construiu no sul do Brasil. Para situar um pouco desse período, no qual Rinpoche vivera em Três Coroas, nos próximos parágrafos o texto se constitui a partir de passagens da entrevista que realizei no início do presente ano com o artista gráfico Alan Capetilla. Alan conviveu com o mestre tibetano e com ele estabeleceu um tipo de conexão que descreve uma trajetória geográfica na qual o budismo terá preponderante influência no modo de perceber e de se relacionar com o espaço.

O artista gráfico Alan Capetilla hoje com 44 anos, nascido em Porto Alegre, passa a infância e a adolescência mudando-se para várias cidades sulinas, entre elas Três Coroas,

⁶ Em sua autobiografia Chagdud Rinpoche narra uma experiência onírica que este tivera em Missamari, leste da Índia, quando de sua partida do Tibete. Ele havia sonhado que tomou um avião cujo destino era incerto, “no sonho eu perguntei para algumas pessoas para onde se dirigia o voo e então alguém respondeu, “América”. Guru Rinpoche relata que após acordar-se no dia seguinte perguntou para alguém onde ficava a América e ainda que a maioria não soubesse responder a pergunta, uma pessoa disse que se tratava de “um local distante onde viviam demônios de olhos azuis” (RINPOCHE, 2005 p,125). No imaginário de muitos praticantes do budismo tibetano, o caráter intuitivo de experiências como a dos sonhos pode ser compreendido como um instrumento importante para responder questões existenciais cruciais como “onde devo viver?”. Nesse sentido essa tradição milenar se conjuga a outras tantas que têm nos sonhos uma espécie de oráculo altamente personalizado que colabora para a tomada de decisões individuais indicando o que é ou o que não é auspicioso fazer considerando uma específica situação de vida (RIBEIRO, 2019).

onde reside por alguns anos. Nos anos 1990 já de volta a capital gaúcha, relatara que vivenciou,

“uma época de grande efervescência de acontecimentos: era o Rock ‘n Roll, eram as artes, era a noite, era uma série de coisas assim que a gente tava entrando em contato e vivenciando e uma dessas coisas era o Budismo e a experiência e da busca espiritual de nossos amigos e de gente que a gente conhecia”.

Parte da juventude porto-alegrense frequentava as calçadas e bares da Avenida Osvaldo Aranha conhecida então por abrigar roqueiros, punks e todos aqueles que de alguma forma se identificavam como a chamada contra cultura⁷.

É no fim dessa mesma década de 1990 em que compartilhamos o espaço da casa de um amigo em comum que nos acolhera em um momento em que havíamos deixado atribulados convívios familiares e passávamos por severas dificuldades econômicas. Foi então que um dos amigos que frequentavam a casa afirmara ter feito um retiro em um novo centro budista em Três Coroas/RS. Alan relata que sentira-se atraído por esse centro, sobretudo por ele localizar-se em uma cidade em que havia vivido. Foi então que Capetilla interpretou essa coincidência como um presságio. Soma-se a isso, uma experiência onírica na qual ele descreve em primeira pessoa:

“[...] o sonho era eu estar em Três Coroas e em cima da ponte principal de Três Coroas, eu vi os monges abençoando o rio, só que essa coisa aconteceu na verdade, ela aconteceu muito antes do Rinponche vir para Três Coroas, os monges foram trazidos pelo lama Samten, lama que fundou o Caminho do Meio ali em Viamão, essa cena aconteceu, eu posso ter visto ou eu posso ter sonhado, é meio nebuloso isso na minha mente na verdade.”

O rio ao qual ele se refere é o Paranhana que de fato percorre a cidade. Já o lama Samten, refere-se ao ex-professor de física da UFRGS, Alfredo Aveline. Ele fora discípulo de Chagdug Tulku Rinpoche, de modo a ser ordenado Lama pelo último em 1996 (ELY, 2015). Hoje Lama Samten é o principal responsável por manter o Centro de Estudos Budistas Bodisatva (é o “Caminho do Meio” citado, cuja sede situa-se no município gaúcho de Viamão), e que assim como Khadro Ling é uma referência, ainda que com práticas menos ortodoxas que esse último, para a disseminação do budismo tibetano em nosso país. O que

⁷ Rosnak (1972), conceitua contracultura como um movimento associado a jovens cujo centro difusor foi principalmente os EUA, sendo seu auge os anos 1970. Suas características foram muito associadas ao uso de drogas psicodélicas, mas também são suas marcas a experiência comunitária e a busca pelo misticismo oriental. De fato a negação de valores ocidentais, tais como o consumismo, levaram muitos desses jovens a encontrar em culturas religiosas orientais como o movimento Hare Krishna e em práticas de meditação budista uma espécie de refúgio em relação ao modo de vida no qual a acumulação de bens materiais se definira como principal parâmetro de sucesso.

chama a atenção para essas experiências é que a influência do credo budista no imaginário, encaminhada pelo sonho, parece se configurar como um elemento que facilita a mobilização dos seus praticantes para efetuarem mudanças geográficas que nesse caso confundem-se com profundas mudanças pessoais. Esse entendimento se verifica por essa outra fala de Alan:

“[...] então, assim, eu ia algumas vezes a uma praça perto de onde eu morava lá no Passo da Areia em Porto Alegre e me perguntava "será que eu devo ir lá? Será que eu devo conhecer? O que eu faço, o que eu faço?" Até que eu tomei a decisão, sozinho, de ir,..., e uma coisa que eu me lembro, um detalhe importante é que eu não pedi conselho para ninguém, eu não perguntei para ninguém se eu deveria ir ou não deveria ir, eu simplesmente comuniquei, por que eu tava decidido de eu ir, e foi assim que se deu o meu primeiro contato com o centro budista em Três Coroas, né”.

O Khadro Ling no fim dos anos 1990 se encontrava em construção. Alan relatara que “literalmente eu tinha o dinheiro contado da passagem de ida, não tinha da volta e nem como me manter se algo desse errado. Eu tinha uma mochila de roupas, meus desenhos, minha pasta de desenho”. Tanto sua chegada e acolhida dera-se de modo insólito uma vez que ele seguiu a pé pela estrada durante um fim de tarde de inverno, buscando uma indicação do centro budista. Chegando lá, dissera encontrar uma “casinha branca” que ele veio a descobrir ser uma recepção. Ali uma moça americana com dificuldades de falar português o recebe, ele não compreendia inglês então, o que se modifica nos cerca de oito anos em que reside no centro, uma vez que terá contato com praticantes de diversos países, sobretudo, dos EUA. Ele é encaminhado para o contato com a então assistente e tradutora de Rinpoche, Andrea, mais conhecida atualmente como Lama Sherab, uma das coordenadoras do Khadro Ling. Ela, por sua vez, acolhe Alan no templo, que a época não possuía as acomodações para visitantes que apresenta hoje, porém lhe explica que não seria possível que ele permanecesse por muito tempo, pois esse tipo de estadia era exclusivo para pessoas que realizassem um cadastramento prévio.

A notificação feita frustra as expectativas iniciais de Alan, porém Lama Sherab lhe diz então que ele poderia conhecer o mestre Rinpoche ao participar das práticas da noite e da manhã, antes de definitivamente partir no dia seguinte. À noite ele tem contato com o mestre a partir da prática. De acordo com o relato de Alan pela manhã “a primeira coisa que ela [Lama Sherab] me fala é que eu não precisava ir embora e que eu poderia ficar ali todo tempo que fosse necessário”. O próprio Chagdud Tulku Rinpoche solicitara a permanência dele uma vez que durante a prática identificara uma conexão espiritual com o jovem artista. Alan relata

que o período em que residira no Khadro Ling fora de grande aprendizagem tanto no sentido da espiritualidade, mas também em termos de ofícios (Figura 2).

Sua colaboração na construção do Templo, além de se constituir em uma forma de doação de Alan para com a coletividade de praticantes - denominada pelos budistas de *sanga* -, lhe permitiu aprender, segundo ele, técnicas de marcenaria, pintura e arte com diversos estrangeiros entre os quais o próprio Rinpoche.

"eu cheguei bem no, vamos dizer assim, bem no primeiro estágio de construção do templo, de toda a estrutura do templo budista, quando eu cheguei assim o próprio templo tava recém no primeiro andar, não tava finalizado, eu ajudei a finalizar, os andares de cima, trabalhei com marcenaria, trabalhei com parte de pedreiro, ajudei a pintar, ajudei a esculpir, então assim eu consegui fazer parte de todo início da construção do "lakhan" que é o templo do centro budista. Quando eu cheguei lá era muito grande a presença de muitos americanos, canadenses, europeus, né, então tinha um fluxo muito grande de estrangeiros, vinha um americano e passava uma ou duas semanas, ia embora e voltava outro e assim essa troca de profissionais cada um tinha uma especialidade em alguma coisa, em pintura, na parte de construção civil, na parte de marcenaria, eu lembro que eu trabalhei com um marceneiro lá e ele enfim o que o cara fez em questão de duas semanas, ele fez o altar todo com encaixes perfeitos e coisa assim, então, eu consegui ver não só na parte artística, eu consegui ter uma ideia assim de uma produção, né, de um trabalho profissional de alto nível em várias áreas, de pintura, de escultura, de marcenaria, de serralheria foi assim um aprendizado, o que eu aprendi lá em dois, três anos, eu tenho certeza que uma faculdade aqui no Brasil, dificilmente, é, pela questão prática, de fazer, de usar ferramentas, técnica, de ferramentas, sem contar o inglês"

Figura 2: Alan Capetilla no templo budista com Guru Rinpoche



À esquerda de Rinpoche, o artista Alan aprende novas técnicas e ofícios, algumas delas diretamente com o mestre, enquanto colabora para edificação do Khadro Ling. (Foto do acervo pessoal de Alan Capetilla).

Alan realiza hoje trabalhos como tatuador e também com escultura, residindo com a mãe em uma casa na cidade de Três Coroas, porém em uma área fora dos domínios do Khadro Ling. Sua decisão por fixar residência fora do centro budista se dera a partir da morte do mestre Rinpoche em 2002. Nessa ocasião Alan se junta a comitiva que leva o corpo do mestre até o Nepal.

Segundo ele, embora ame as pessoas e o próprio espaço do Templo, ele reconhece que sua maior ligação era com o falecido mestre. Além disso, Alan coloca que Rinpoche sempre deixara claro aos praticantes ser salutar que eles buscassem meios hábeis para sustentarem-se, independente da vida no Templo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que foi compilado até aqui sobre a geografia e o budismo que redonda na construção do templo Khadro Ling de Três Coroas (RS), podemos delinear alguns subsídios para futuras pesquisas que aprofundem os estudos em Geografia da Religião junto ao budismo tibetano no Brasil. Primeiramente, com base na bibliografia que os próprios representantes desta linhagem do budismo produziram aqui, especialmente na figura do Guru Rinpoche, é possível afirmar que a territorialização budista no Brasil tem tido como marca o fator étnico, ligado à migração de praticantes e mestres (ROSENDAHL, 1995). Da perspectiva do budismo da tradição Nyingma, ainda que na atualidade existam lamas de origem ocidental, como é o caso da renomada mestra Chagdud Khadro, lama Sherab Drolma e lama Samten, a formação de tais autoridades religiosas foi dependente da chegada de lamas tibetanos vindos da Ásia, o que possibilitará a criação de centros de prática e ensinamentos.

Pode-se perceber também que essa territorialidade budista se desenvolve a partir de fatores simbólicos bastante importantes. Por não tratar-se de uma religião expansionista na qual a difusão do credo se faz necessária como um de seus fundamentos, a ampliação dos espaços desse tipo de prática budista se dá por modos que incluem presságios em sonhos, a exemplo do modo como o guru Rinpoche concebeu inicialmente sua vinda para a América, bem como na decisão do artista Alan Capetilla para ir ao encontro do centro budista em Três Coroas (RS). Esse modo de proceder junto ao espaço geográfico não parece se configurar como algo isolado entre os praticantes budistas de modo que a influência da intuição e dos sonhos se conformam como parte da tomada de decisões racionais entre tais praticantes, o que apresenta consonância com a perspectiva de neurocientistas como Ribeiro (2019), para quem

a dimensão onírica pode se configurar como um muito poderoso instrumento de auto-conhecimento e para tomada de decisões individuais.

Já no que se refere ao fator da exterioridade do fenômeno sagrado como um itinerário para a pesquisa em Geografia da Religião (GIL FILHO, 2004), verificou-se a partir de passagens da entrevista com o artista Alan Capetilla que a experiência budista por ele narrada a partir do centro de Três Coroas, se configurou também como um fator útil a formação pessoal, cultural e profissional, devido a uma forma única de intercâmbio cultural que dificilmente se verificaria do mesmo modo em outras espacialidades institucionais a exemplo das universidades.

As características de dinamismo e a fluidez na estratégia territorial denominada por Gomes (2012) como “genoespaço”, são aspectos marcantes que podemos identificar nos processos que levaram a construção do Khadro Ling em Três Coroas (RS). A sua produção espacial se deu essencialmente a partir da colaboração voluntária de pessoas identificadas pelo credo budista de modo que então se mobilizaram pela aspiração do mestre Rinpoche para criar um Templo tibetano na América do Sul.

É notório que em cerca de dois mil e quinhentos anos a religião budista tenha se deslocado de seu centro original na Índia antiga e alcançando praticantes em todo o mundo. Ainda que a maior parte dos budistas se concentre em países asiáticos, eventos como a invasão chinesa sobre o Tibete, provocaram indiretamente a difusão da religião no ocidente, uma vez que junto com importantes mestres, a prática se desloca alcançando novos adeptos em países nos quais esta religião apresentava certamente menor número de praticantes do que possui hoje. Considerando a situação atual através da materialidade geográfica dos diversos templos e centros do budismo tibetano ligados a fundação Chagdud Gonpa, temos a conformação de uma rede regional (HAESBAERT, 1996), bastante estendida com pontos situados em diversos países e continentes, o que inclui Três Coroas como um importante polo irradiador dessa rede no território brasileiro.

Finalmente, buscou-se com o presente artigo compilar alguns saberes e bases de informação para colaborar com futuros estudos que liguem Geografia e Budismo. Em linhas gerais é importante lembrar que para os budistas, é muito significativa a condição de transitoriedade definida pelo conceito de impermanência. A partir de tal conceito compreende-se que nenhum objeto, seja este material ou abstrato, possui uma natureza estável, permanente, tudo está submetido a processos de transformação, inclusive o próprio espaço, bem como o entendimento que fazemos dele. Nesse sentido é pertinente que essa

condição influencie o seu modo de conceber a Geografia, o que este artigo buscou delinear como uma abordagem para refletirmos o espaço em que nos situamos.

REFERÊNCIAS

CHANDA-VAZ, Urmi. **Tibetan buddhism: advent and growth**. MA-I. Ancient Indian Culture.#31 St. Xavier's College, Mumbai, 2015. Disponível em <https://www.academia.edu/11647885/TIBETAN_BUDDHISM_Advent_and_growth?auto=download> Acessado em janeiro de 2020.

DINIZ, Alexandre M. A. **Surgimento e dispersão do budismo no mundo**. Espaço e cultura. UERJ, RJ, N. 27, p. 89-105 jan-jun, 2010.

ELY, Lara. **Lama Padma Samten: "Não meditamos para achar a felicidade: ela já está lá"**. Jornal Zero Hora, 29/08/2015. Disponível em : <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2015/08/lama-padma-samten-nao-meditamos-para-achar-a-felicidade-ela-ja-esta-la-4836110.html>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

Entrevista com Alan Capetilla. 2020. 21 min. 36s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=bNdAics8MCY>> Acesso em: 14 jan. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Ed. Atlas, 2008.

GIL FILHO, S.F. **Por uma Geografia do Sagrado**. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (orgs.). Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. 2. Ed. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Região e rede regional "gaúcha": entre redes e territórios**. Boletim Gaúcho de Geografia, n. 21, p. 15-27, agosto de 1996.

HAESBAERT, Rogério. **Território e multiterritorialidade: um debate**. GEOgraphia, ano IX, n. 17, 2007.

IBGE. **Censo demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Min. do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo de Demográfico 2010. Rio de Janeiro, 2012.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana, ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

PADUA, Leticia Carolina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e permanências**. São Paulo, tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – Dep. de Geografia. [Orientadora: Magda A. Lombardo], 2013

PEW Research Center. **The changing religious global landscape.** PEW Research Center, 2017. Disponível em <<https://www.pewforum.org/2017/04/05/the-changing-global-religious-landscape/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

RINPOCHE, Chagdud Tulku. **Lord of the dance, the autobiography of a Tibetan Lama.** California: e-book. Padma Publishing, 2015.

_____. **Os portões da prática budista:** ensinamentos essenciais de um lama tibetano. Três Coroas: Makara, 2010.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite, a história e a ciência do sonho.** São Paulo: Companhia da Letras. 2019.

ROSENDAHL, Zeny. **Geografia e religião:** uma proposta. Rio de Janeiro: UERJ. Espaço e cultura, ano I, outubro de 1995.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura.** São Paulo: Vozes, 1972.

SILVA, Regina B. Tavares da. **O estatuto da família do século XXI na sua redação oficial, é primitivo.** Estadão, 21 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/o-estatuto-das-familias-do-seculo-21-e-primitivo/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

UNESCO. **Lumbini, the birthplace of Lord Buddha.** Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/list/666/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

USARSKI, Frank. **O budismo e as outras:** encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais. Aparecida, SP: Editora Idéias & Letras, 2009.

Artigo recebido em: 17 de dezembro de 2020.

Artigo aceito em: 08 de fevereiro de 2021.

Artigo publicado em: 11 de março de 2021.